



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com Ivonira Julieta da Silva

FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Ribeirão da Ilha (Freguesia), Florianópolis - SC.

Data: 30 de outubro de 2018.

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (entrevista e câmera).

Cleusa, filha de dona Ivonira, acompanha a entrevista.

Projeto de origem: Ribeirão Foto Sensível.

Parcerias do projeto Ribeirão Foto Sensível: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha; Sociedade Musical e Recreativa Lapa; Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Grupo de Idosos do Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Escola Estadual EEB Dom Jaime de Barros Câmara; Paróquia Nossa Senhora da Lapa (Matriz da Freguesia do Ribeirão da Ilha); Casa da Memória – Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes; Setor de Coleções Especiais – Biblioteca Universitária – Campus Florianópolis – UFSC; Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Superintendência em Santa Catarina; Fundação Catarinense de Cultura; Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte - Governo do Estado de Santa Catarina; Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural; Ministério da Cultura - Governo Federal

Produção projeto Ribeirão Foto Sensível (2018) e acervo: Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa. | Edição: Daniel Choma.

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:



ENTREVISTA COM IVONIRA JULIETA DA SILVA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/ivonira/>

TATI – A senhora é natural de onde?

IVONIRA – Nasci no Ribeirão da Ilha mesmo, sou nativa daqui. Minha mãe é desse local aqui, da Freguesia. Meu pai já é lá do Alto do Ribeirão, mais pra frente um pouco, onde fica o Bandeirante. Os dois se namoraram, se casaram, meu pai - naquela época não tinha emprego-, ele era pombeiro, pessoal antigo dizia que era pombeiro. Ele vinha aqui na Freguesia, pegava quantidade de peixe, enfiava tudo numa vareta e levava lá pro Alto Ribeirão, para o pessoal comprar lá. Até depois ele se organizar a pegar um trabalho, porque não era Base, não era Aeronáutica, era Aviação. E essa Aviação quando veio pra cá empregou muita gente. O que teve e o que tem aqui foi através da Aviação. Eles foram trabalhar, era estrada de chão e minha mãe trabalhava fora com uma senhora que o marido era da Marinha. Mas também ela não tinha emprego, tadinha, ela fazia renda à noite e durante o dia ela ia pra casa da moça, fazia renda com ela lá, pra servir de companhia. Naquela época era assim. Depois, quando chegou um certo tempo, o pessoal começou a procurar emprego porque a Aviação abriu aquele espaço. Então naquele local, lá onde é o aeroporto, a Base Aérea, aquele pedaço ali, começou a abrir emprego pras pessoas, precisava de homens pra trabalhar. E esse moço que é o marido dessa amiga da minha mãe, ele botou todas as pessoas a trabalhar e minha mãe trabalhava com ela. No final da conta ele esqueceu de colocar meu pai na lista pra trabalho. Aí quando chegou um dia minha mãe falou – ela morou toda vida no Rio de Janeiro, mas a família era aqui – Falou: “Chiquinha vem cá, vou te fazer uma pergunta, o Criga...” Ele era um homem grandão, da Marinha. “- Ele colocou todo mundo na aviação pra trabalhar, eu como sou tua amiga e trabalho com você aqui...” Minha mãe ia pra lá, lavava roupa, fazia renda com ela e servia de companhia porque ela nunca teve filhos. “- Meu marido ficou de fora.” Ela disse: “Preciso também que ele trabalhe porque como vou sustentar cinco filhos?” Nós cinco, éramos em três mulheres e dois homens. Ela disse: “- Julieta, meu Deus do céu, não posso esquecer de ti, tu não podes ficar de fora querida. Tá, quando o nego chegar...” Naquele tempo chamávamos assim. “- Falo pra ver se tem uma vaga pro Procópio.” Era meu pai. “- Porque ele não pode ficar de fora, ainda mais você, que está aqui na nossa casa de acompanhante comigo e o teu marido não arrumar trabalho, ele precisa.” Eram sete pessoas: minha mãe, meu pai e cinco irmãos. Quando ele chegou, cinco horas, ele vinha de bicicleta, não vinha de carro, ele vinha de bicicleta mas era muito barro, muita lama porque não era nada calçado naquela época, era estrada de chão batido. Ele trazia a bicicleta e minha mãe lavava, toda vez que ele chegava, com a bicicleta suja de lama, tinha uma fonte, um reservatório que era de lavar roupa e outro reservatório era água pra tomar limpa. Era uma cachoeira que vinha do morro. Quando secava aqui a água nós íamos lá pra casa deles. Pegar a água de pote, aqueles potes que tem no mercado público, vocês sabem? Aí ela deixou ele descansar. “- Criga, tenho uma pergunta pra te fazer, a Julieta conversou comigo a respeito do marido dela, que você colocou todo mundo na Aviação e o marido dela ficou de fora. Ele não pode ficar de fora porque ela trabalha com a gente aqui. Justamente a tua bicicleta, que tu vais todo dia pro serviço, ela que limpa e tu vais limpinha de manhã. Tens que colocar ele, porque coitada, ela trabalha na renda. Ele, tu sabes, faz bico, ele é pombeiro, vai pra lá e pra cá fazendo biscate, como se dizia antigamente e tu tens que dar o nome dele, nem que tu tenhas que tirar alguém, mas não deixar ele de fora.” Ele disse: “- Então tá bom, vou fazer isso.” Daí botou meu pai. “- A partir de amanhã em diante vou levar o nome dele pra colocar lá, pra ele arrumar um emprego.” Nossa vida foi vida foi do sacrifício, tem que dizer o que é verdade. Só que era vida do sacrifício mas nós conviviamos bem, entendeste? Convivia bem, não tinha nada luxo. Daí minha mãe ficou contente. Ele era um baita de um

homem, meu pai era um tampinha. Ela falou: “- Julieta, ele tem roupa pra trabalho todo dia?” Porque tinha que ir todo dia. Roupa pra trabalho ele tem, mas o que ele tem é pouca roupa, duas calças sei que ele tem. Ele disse: “- Tenho muita roupa, tu tiras um pouco daquela roupa que tenho no guarda-roupa e dá pra Julieta levar numa sacola, só que ela tem que falar com a costureira pra cortar roupa do tamanho dele.” Porque meu pai era pequenininho, era baixinho, mas era trabalhador! Assim ela fez, foi numa costureira aqui, naquele tempo não era nada de maquina de pé, agora a máquina é toda moderna, era aquela que se botava em cima da mesa... Daí meu pai começou a trabalhar, foi indo, nós não tínhamos casa, éramos em cinco irmãos e morava com minha tia que tinha quatro. Ela dizia pra ele: “- Procópio, um dia vamos ter nossa casa e quero me acabar na minha casa, no que é meu, não quero morar com meus irmãos. Não que não me dou bem com eles nem com a minha cunhada...” Aí tudo bem. “- Vamos comprar a casa com que dinheiro?” “- Não estou dizendo que é pra comprar nem hoje nem amanhã. Quando você se firmar no seu trabalho, no emprego, aí sim.” Depois que meu pai ficou já bastante tempo, não faltava. Café na garrafa de gasosa, porque naquele tempo não se usava garrafa térmica, hoje tem de monte, naquele tempo levava o cafezinho quente, uma mistura, chegava lá o café já estava frio, porque é uma caminhada daqui até a Base. Foi indo, quando ele se firmou bem, minha mãe disse: “- Agora tu estás colocado, vamos ver se damos de comprar uma casa.” Só que meu pai não sabia ler nem minha mãe, os dois eram analfabetos, minha mãe sabia ler bem pouquinho porque minha avó botou ela na escola já muito tarde pra ela aprender o que ela queria. Ela gostava, esteve no Mobral pra aprender. Tu vais ter que tirar um dinheiro na Caixa Econômica, nunca me esqueço que essa casa foi comprada com dinheiro da Caixa Econômica Federal. Daí ele não sabia, minha tia indicou tudo pra ele direitinho: ele foi na cidade, procurou a Caixa Econômica, tinha uma senhora chamada dona Bugra, o apelido dela. Aí meu pai fez a papelada toda, mas tudo assim: era tudo com o dedo porque não tinha como ele escrever, porque não sabia ler. Também fez tudo direitinho. Ela foi na comadre dela e a comadre dela tinha duas casas pra vender. Essa casa que está aqui era a casa de música, aqui era o ensaio da banda, nessa casa que estou morando hoje.

DANIEL - Como?

IVONIRA – Era o ensaio da banda de música, o pessoal vinha ensaiar todo mundo aqui pra festa. E tinha mais uma casa lá na frente que a gente morava, era alugada da moça. Aí ela disse: “- Olha, comadre, tenho duas casas pra vender. A comadre escolhe qual a comadre quer. A de lá não é tão grande mas tem mais terreno.” Aí minha mãe disse: “- Eu já tendo minha casa pra morar, com meus filhos, está bom. Não quero casa grande com muito terreno porque depois não quero meus filhos brigando um com outro por causa de pedaço de terra.” A palavra dela foi essa. “- Então tá, a comadre escolhe essa outra aqui.” E foi essa que estamos morando até hoje. Porque mais tarde, quando os irmãos se reunirem pra vender, eles combinam: se vende repartem um pouquinho pra cada e não tem nada de briga. Ela disse o valor da casa, o marido não estava, estava pescando porque naquele tempo tinha muita baleeira antiga que pescava lá fora. “- Comadre, então tá, o Oscar está na pescaria, quando ele chegar eu falo pra você.” Quando meu pai chegou com o dinheiro ela logo já levou pra dona da casa, porque meu pai gostava de tomar uma cachacinha. Naquele tempo gostavam de tomar um traguinho! “- Olha, seu dinheiro está aqui. Não me tira um centavo, esse aqui já é a conta da casa.” Conforme o valor da casa que a moça deu, ele trouxe o dinheiro, ela foi lá, já botou na mão da mulher pra não faltar, porque de onde eles iam tirar? Já tinha pego aquela quantia pra pagar o aluguel da casa, ela levou lá. Quando o marido chegou do mar ela conversou com o marido que minha mãe já tinha

levado o dinheiro da casa. Ela disse: “- Olha comadre, a partir de hoje a casa já é sua. E a comadre está com pressa de papel?” Não era papel, as casas aqui eram compradas por recibo, não tinha escritura, nenhuma delas tinha escritura. Depois que as pessoas fizeram escritura.” - Tá bom, não tenho pressa comadre, eu queria era segurar o dinheiro na sua mão pra ficar com a minha morada, porque onde vou morar com meus filhos? Na rua não posso ficar.” Tudo bem. Depois meu pai foi na venda tomar cachaça. Daí voltou, já queria o dinheiro de volta. Ela assim: “- Não tem dinheiro” Ela disse pro meu pai. “- Mulher, mas tirei o dinheiro na Caixa Econômica.” “- Mas o dinheiro foi pra comprar a casa e nós vamos morar na rua?” Ele ficou quieto, não falou nada. Então está bem, já temos a casa. Ela disse: “- Vocês podem fazer o que quiser, ir lá arrumar, ajeitar, dar uma limpezinha, lavar, depois vocês se mudam.” Ela não queria morar com meus tios, eram nove crianças dentro de uma casa, não podia ser. E a nossa vida foi assim: foi uma luta. Viemos pra cá, minha mãe trouxe a gente pra cá e nós começamos a trabalhar. Aprendi a fazer renda com a minha mãe, trabalhava pra ajudar os pais. Naquele tempo não tinha nada que meu pai trabalhasse fora, a gente tinha que trabalhar. Luz de querosene, eu botava uma almofada aqui na minha frente, à noite. Durante o dia eu ia pra chácara apanhar café com minha mãe, ela era apanhadeira de café. Ela cantava muita música, muita ratoeira, porque ela sempre gostou de cantar. Ela botava um negócio aqui na frente, como um avental, uma saqueira aqui na frente aberta e ela ia pegando todo o café subindo na escada, colocava ali dentro. Eu, como era menor, juntava todo café que caía no chão. Juntava, botava na latinha, a moça fazia a medida, “- Tá, vocês vão trabalhar pra ganhar um dinheirinho” Ela dizia, que coisa boa. A chácara da mulher tinha bastante de fruta: bastante de laranja, bastante de bergamota, bastante de goiaba, era uma chácara de fruta. “- Se estiver com fome vocês podem pegar uma frutinha pra comer.” E nós trabalhando a vida inteira.

TATI - E onde era essa chácara?

IVONIRA – Aqui, era da minha vizinha. A outra é mais lá na frente, era da minha madrinha, os filhos dela que me batizaram. Minha madrinha era a filha mais velha e meu padrinho também, só que ele faleceu solteiro aí o outro mais velho ficou no lugar dele. Me batizaram aqui dentro dessa redondeza. Depois vieram os mais remediados, tinham fábrica de café, tinham muita baleeira pescando, eles arrumavam também emprego. Aí já não foi pro meu pai, já foi pro meu irmão e cunhado, casado com minha irmã.

TATI – Antes da senhora continuar, queria só perguntar, a senhora falou que sua mãe cantava ratoeira?

IVONIRA – Cantava.

TATI - Durante a colheita do café?

IVONIRA - Ela cantava na chácara, estava colhendo e estava cantando. Mas eu era pequena também não pegava muito a música. A nossa vida foi uma vida de sacrifício. Eu aprendi com sete anos e só tenho uma sobrinha que aprendeu porque insisti muito dela aprender, pra passar de avó pra neta, então ela sabe fazer. Eu fiz bastante, ainda estou fazendo renda. O que eu tinha já vendi tudo. Tem uma prima que vende aqui na esquina, eu dou pra ela vender, duas, três, ela ganha o trocadinho dela também, traz um trocadinho pra mim.

TATI - Tem alguma que a senhora está fazendo agora?

IVONIRA – Estou fazendo uma que está ali na almofada. *[Chama a filha para pegar a renda mas deixa para o final da entrevista]* Então foi uma vida assim, do sacrifício, mas foi muito bom, minha infância foi muito boa. A gente era muito obediente aos pais. Ninguém saía sem dizer pra onde ia. Eu fui pra escola, muitas vezes eu não tinha caderno pra levar pro colégio. Tinha uma diretora, uma senhora já idosa, morava nessa rua, tem uma casa antiga aqui que era da minha diretora... Primeiro estudei numa casa particular até terminar o grupo. Naquele tempo nós não dizíamos que era colégio, era um grupo, e de fato a gente está no meio de um grupo, muita criança estudando é um grupo. Aí estudei primeiro numa casa. Depois um senhor veio do centro, seu Elisiário, veio da Costeira do Pirajubaé, lá do Saco dos Limões e começou a fazer o colégio. Aí a gente passou pra lá, pro colégio, eu tinha sete anos. Estou com setenta e seis, fiz agora. Mas às vezes eu ia pra escola e não tinha o caderno, aí dizia: “- Dona Otília, amanhã acho que não vou pra aula.” “- Por quê?” “- Porque não tenho caderno pra estudar e meu pai não tem o dinheiro agora pra gente comprar o caderno.” “- Vai pra aula sim.” Ela me dava aquelas folhas de papel almaço, você conhece? Que já vem com a linha, mas pra não cair no chão, pra levar pra escola, pra copiar as coisas do quatro, trazer os deveres pra fazer e levar no outro dia, a minha mãe, tadinha, pegava uma agulha, botava a linha na agulha e passava aquela costura no meio da linha da folha. Prendia pra gente não perder no caminho, porque a gente não tinha mochila, não tinha nada, a gente levava simplesmente numa sacolinha ou num saquinho de plástico, levava e trazia. Meus irmãos foi tudo assim, mas foi muito bom. Até hoje sempre falo: se voltasse no tempo de trás eu aceitaria numa boa, por quê? Porque não tinha malícia, não tinha maldade, a gente vivia numa boa. A gente era obediente, tudo era senhor, tudo era senhora. “- Minha filha, dá pra ir na venda?” . Era venda ou um armazém, não tinha supermercado, nem minimercado. “- Vou, sim senhora” “- Eu te dou um pão, te dou um ovo.” “- Tá, sim senhora.” A gente ia numa boa e voltava numa boa, recebia aquilo numa boa. “- Mãe, eu fui na venda pra moça, nossa vizinha, ela me deu um pão, ela me deu um ovo.” “- Tá bom querida.” Era tudo assim. Não sei, hoje eu vejo tanta coisa fora do comum que às vezes eu não acredito no que vejo. Porque a gente fala: a gente não briga, a gente conversa, tem que conversar pra pessoa chegar num acordo e num entendimento. Só que as coisas agora estão muito diferentes. Tu fala com sobrinho, fala com filho, fala com neto, é tudo assim. A gente, às vezes, perde o ritmo. Digo: Meu Deus, como vai ser isso? Era filha de Maria, até hoje tenho a minha fita, era vestido branco, vestido branco não tenho mais, era um conjuntinho... Eu tenho a minha fita da congregação que ia pra novena à noite. A gente era muito católica, a mãe levava a gente pra igreja já pequeninha. Não tinha banco nossa igreja, foi um senhor que fez, até ele não tinha uma perna. Ele já partiu, mas as filhas dele ainda existem, tem uma que tem quase noventa anos, o pai dela fez todos os bancos da nossa igreja, sentava tudo no chão. Ali onde é a pracinha, que é tudo calçada, tudo lajota, ali o padre dava doutrina pra gente, sentava num gramado e a gente assistia a doutrina toda que o padre fazia pra gente. Foi a minha convivência aqui no Ribeirão da Ilha, foi muito bom. Trabalhei muito pra ajudar meus pais. Minhas irmãs mais velhas casaram, foram tudo fazer a vida delas e eu que era mais moça fiquei com eles até o final. Depois que encontrei uma pessoa, mas já era coroa, como se diz a moda. Minha mãe dizia: “- Não minha filha, pra tu não ficar sozinha um dia, não faz mal arrumar uma pessoa e viver sua vida, dar continuidade, porque minha filha foi uma filha boa pro pai e pra mãe.” No Ribeirão da Ilha, a maioria das famílias, se você conversar com essas pessoas, vai falar o que estou falando pra você: a educação - hoje não, hoje tem tudo-, muitos dias a gente sentava na

mesa, no horário de comer um pouco, a gente não tinha o que comer. Eu ia pro engenho raspar aquela rama, aquela mandioca pra fazer farinha, dali nós trazíamos a farinha, trazia beiju, trazia o cuscuz, tudo que a gente ganhava ali era o maior trabalho. Lenha tirada no morro, trazida nas costas. Pote com água, minha mãe dobrava um paninho assim, a gente usava pano de prato, mas era muito aquela saca que minha mãe botava a quarar, pra fazer pano de prato, hoje a gente compra pano de prato já é diferente. A gente botava assim no ombro, pra não doer muito o ombro da gente, pra chegar com a água em casa pra se tomar. Era uma água limpinha porque era água de cachoeira, não tinha mistura, não tinha remédio, não tinha nada, hoje a água da Casan é tudo contaminada, passa por aqueles canos. Naquele tempo era água pura que vinha do morro. Onde o pessoal antigo não tinha doença, tinha bastante saúde. Essa senhora que estou falando, a moça que o pai dela fez os bancos da igreja, a mãe dela tinha 102 anos. As filhas fizeram uma festa pra ela no salão da igreja, 102 anos ela faleceu. Ela vendia renda da gente. A gente fazia renda, levava na outra rua que ela morava. Quantidade da renda, três, quatro ou cinco, ou uma roda de mesa que a gente fazia toda em pedaços, depois a gente costurava, emendava, ficava aquela roda bonita.

TATI - Fazia sozinha ou com mais pessoas juntas?

IVONIRA – Eu fazia sozinha, depois de estar tudo pronto, era tudo à mão, era um serviço aperfeiçoado, serviço doméstico, mas era tudo manual. Então pra mim foi uma época boa.

TATI - E na infância tinha brincadeira também?

IVONIRA - A gente brincava, mas brincava bem pouco. De dia a gente saía pra trabalhar pra ajudar. Final de semana brincava de cozinhado, uma levava uma batata, outra levava uma verdura pra fazer uma feijoada, um cozido. “- Mãe, vou fazer um cozinhado hoje.” Uma levava farinha pra fazer um pirão, outra levava açúcar pra fazer um café da tarde, era tudo assim, mas era tudo fogo de lenha. Nós mesmas arrumávamos lenha e fazíamos as coisas pra gente. Como no colégio: elas faziam a sopa mas nós que plantávamos. Tinha um terreno atrás, nos fundos do colégio, ali plantava as coisinhas: cebolinha, salsinha, abóbora, batata doce. Tudo era do nosso... Plantava chuchu, depois fazia aquela parreira de chuchu, ia pegando tudo, a gente queria chuchu pra fazer feijoada ou uma sopa... Brincar, tinha o horário de brincar mas também tinha o horário da gente trabalhar. A gente não andava zanzando o dia todo. Hoje eu saio bastante porque agora a gente já está na idade. Vou fazer minhas voltas. Agora estou no grupo de idosos. A gente passeia, viaja, a gente não faz muito trabalho. De primeiro a gente fazia trabalho que a prefeitura mandava as coisas pra fazer. Eu fazia beiradilha de paninho de prato no crochê, as outras faziam bordado, essas coisas. Agora a prefeitura não mandou mais trabalho pra gente fazer. Tem um senhor bem mais lá embaixo, fui criada junto com ele, eles fazem aqueles balainhos, fazem aquela tarrafinha, faz tudo aquilo ali, pega aqueles caramujinhos, bota as conchinhas na beirada, como se vai jogar a tarrafa, era tudo assim.

DANIEL – Vou perguntar pra senhora: essa foto aqui? *[Mostra foto]*

IVONIRA – É a nossa casa! Estão brincando aqui, as crianças, de ratoeira. Casas antigas era assim mesmo a janela. Aqui está vindo uma pessoa, não sei quem é. É... A minha terra. *[Emociona-se]* É muito lindo, a terra em que eu nasci, que eu me criei com minha família. Hoje não tem mais ninguém, já partiram tudo. Pai, mãe, irmão, tudo. Essa aqui era a casa que pertencia a minha mãe, era da minha família. Aqui era do pai da Virginia, aqui do lado.

Aqui era da minha mãe, mas era de herdeiros, era a casa de herdeiros. Aí só tocou pra minha mãe, tocou um pedaço pra cada um e minha mãe: “- Eu vendo minha parte na casa.” Aí vendeu pra não fazer confusão com a família. Porque não adiantava, tinha muita gente, era muito herdeiro. Essa rua, toda vida teve essa rua antiga aqui. Essa casa que está aqui é da minha vizinha que já faleceu. Faleceram os dois com noventa anos em Santos, a filha levou eles pra lá, porque era filha única, aí levou os pais, meus vizinhos. Fiquei muito sentida também de ter perdido eles porque era de uma porta pra outra. Saía daqui da porta, entrava na casa dela, ela saía da casa dela, entrava na nossa. E assim eram os vizinhos, a gente se dava super bem, sabe? Eram vizinhos de repartir um com outro. Fulana, tu tens isso? Ou tu não tens aquilo? A moradora aqui era minha vizinha, mas ela era muito doente. O marido era embarcado e ela morava sozinha com a menina, com a filha. Ela hoje é minha comadre, madrinha dela [da filha]. Quando ela ficava doente ela pedia socorro pra gente. Nessa casa que moro, nessa minha varanda, nessa cozinha aqui tinha uma porta então quando ela sentia as dores dela ela batia na porta dali da cozinha, a gente saía aqui na frente, ia atender. Também partiram os dois. Elas foram embora mas nem me despedi porque a gente se dava super bem. Deixa saudade.

TATI - Qual o nome da sua mãe e do seu pai?

IVONIRA - Meu pai era Procópio, aquela foto ali que era meu pai [aponta retratos em sua sala]. E a outra era minha mãe que era Julieta. Sinto muita saudade. Porque a gente foi uma família, como vou dizer pra ti? A gente não tinha conforto, mas era uma família unida, sabe? Minha mãe fazia uma comida pra gente e nós, irmãos, sentava, tinha aqueles alguidares que tem no mercado, de barro, ainda tenho um pequeno que minha irmã me deu, me deixou. Cada um pegava sua colher, minha mãe fazia aquela comida pra todo mundo. A gente sentava no chão, cada um ia comendo devagarinho, até terminar. Mas ali a gente não brigava, ninguém batia um no outro, por que tu ganhastes mais, porque tu ganhou menos. Não tinha isso. Tem muita gente ainda que, se não estão com minha idade, estão perto da minha idade. Mas é o mesmo que estou falando pra vocês aqui, eles vão falar a mesma coisa. Aqui tem uma senhora ali, uma moça, ela tem 73 anos, já fez ou vai fazer 74. O pai dela também trabalhava junto com meu pai na Base Aérea. Eram muitos filhos, eles eram muitos irmãos. Então a mãe dela também fazia renda, botou elas na renda, para aprender. Hoje é casada com um grandão da polícia militar, mas ela já é viúva. Ele já faleceu, o menino deles também agora foi pra polícia. Então o pai dela vinha da Base, cinco horas, o sol estava assim ainda, alto. Chegava em casa, do jeito que ele chegava só tomava um cafezinho e já ia pra praia, pro mar, pra pescar. Ele tinha tarrafa, pegava a tarrafa e ia matar os peixes. Já pra deixar o almoço, a comidinha pra eles do outro dia, porque de manhã ele não podia fazer isso, ele não podia pescar porque de manhã era o horário dele ir trabalhar. Então ele tinha tempo na hora que ele chegasse, às cinco horas da tarde, o sol estava lá fora, ele já ia matar os peixes. Pode perguntar pra ela, ela mora ali. E a mãe dela deixava o peixe já tampadinho. Ela não preparava o peixe à noite porque o horário que ele chegava ela não ia escamar peixe à noite. Tinha medo de espetar uma espinha na mão ou a faca cortar, uma coisa assim, então ela deixava tampadinho. De manhã ela dava café pras crianças - um monte de filhos ela tinha. Eles iam pra escola e ela preparava o peixe, deixava tudo prontinho, botava um salzinho no peixe. Naquele tempo a gente não usava óleo, era muita banha que a gente usava. Então ela fritava aquela travessa de peixe, quando as crianças chegavam da escola já estava a comidinha pronta. Ou um pirão de água, que se fazia muito naquele tempo, a gente comia bastante farinha, ou então um pirão de feijão, dava comida pros filhos. Hoje tem hora que fico nervosa

porque vejo tanta coisa, hoje eles tem de tudo, chega em casa eles não sabem quanto custa um pão, um litro de leite, um quilo de farinha, nada. A gente sabia de tudo o preço porque a gente ia na venda pra mãe da gente. Se não dava pra comprar um quilo o dinheiro, a gente dizia: quero meio quilo. Se não tinha dinheiro pra comprar meio quilo de cebola, a gente dizia pra dona da venda: eu quero duas cebolas, quero dois tomates, dali ela fazia o preço. Era tudo assim. A gente não tinha fartura naquela época. Tinha fartura e não tinha, porque era muito difícil, o dinheiro era só quando chegava no mês pra receber. Agora as pessoas só esperam pelo dinheiro do mês pra fazer as coisas, pra fazer pagamento, fazer tudo e na época era assim, mas a minha criação foi muito boa. Não foi só a minha como da maioria aqui. É por isso que as pessoas mais antigas duravam mais, porque tinha menos incômodo, os filhos não incomodavam seus pais. Naquele tempo ninguém sofria de diabetes, se sofria ninguém sabia. Ninguém tinha depressão, ninguém tinha pressão alta. Hoje o povo está doente, muito doente. Porque duram menos, porque tem muito incômodo. A família incomoda muito. Como vou dizer pra você? Não somos uma família unida, ninguém combina com nada, e daí? Os pais vão embora mais cedo. As mães vão embora mais cedo. Porque não aguentam, muita pressão, muita coisa. Nosso Brasil, por isso que estou dizendo, agora, tomara que com esse governo tivesse uma mudança, mas uma mudança mais pra melhorar. Principalmente essas crianças, os jovens, porque as crianças hoje têm tudo na mão. Tem o estudo na mão, mas não querem estudar. Tem ônibus pra ir e voltar. Tem tênis pra ir e voltar. Tem mochila pra botar o material. Não querem ir. E naquele tempo ia só pra escola, não podia, terminava o terceiro ano, quarto ano, embora pra casa. Como os pais da gente iam dar uma faculdade? Como ia botar no centro de Florianópolis pra trabalhar? Escola em Florianópolis toda vida teve. E o ônibus? A passagem? E a roupa? Aí fica muito difícil. Então tudo isso que vocês estão fazendo é um trabalho muito bonito. Vocês querem saber das coisas, das histórias...

[Corte]

[Comenta fotografia da escola]

IVONIRA - Mas essa aqui, seu Nereu disse que é a escola da Freguesia. Naquele tempo tinha uma carrada de preto mesmo! Uma carrada de pretinho aqui, meu filho, era uma coisa por demais. A minha tia quatro, minha mãe era nós cinco, já eram nove, tudo estudava na mesma escola, quem morava pra lá e vinha estudar aqui, mas eu não estou diferenciando aqui...

CLEUSA - É a parte da descendência que falei até, da descendência africana.

IVONIRA - Quem fez nossa igreja foi os escravos, minha mãe falava.

CLEUSA - Até mesmo a vó, minha avó era descendente mesmo, era benzedeira minha avó. Então a gente já teve um histórico bem difícil, de luta. Minha mãe já passou por isso através dela. A educação dela.

IVONIRA - *[Observa a foto e comenta]* Nossa casa está com uma coisinha levantada ali. Meu Deus do céu. Casa da falecida dona Catarina, aqui era a ponte que eles tiraram, nós sentávamos nessa ponte aqui. Aqui era a casa do seu Joci, jogava bingo aqui nessa casa. Está ali a ponte, depois quando o Agenor foi morar ali desmanchou.

CLEUSA - Não tinham bancos nem mesas, era só terra mesmo. É muito nostálgica a foto!

IVONIRA - Tudo açoriano, não é gente? Se fazia farinha, se fazia beiju, se fazia cachaça, tudo isso. Era tudo assim, o pessoal antigo, faziam vinagre, vinagre e cachaça era feito lá no sertão, eles tinham cana, plantavam cana de açúcar. É, minha filha, tudo se acaba. Aqui era a ponte, aqui tem o rio, mas agora não tem mais, tamparam tudo. Agora sai a água pelo quintal, fazem o rio e sai ali na praia... Está vendo como a casa do seu Morivaldo não tinha vidraça? Depois que colocaram, era só janela de madeira.

[Corte]

[Olha foto da venda da dona Chiquinha]

IVONIRA - Chiquinha, da minha madrinha, aqui era a venda. Tinha muito rancho naquela época, na praia. Muito. É pena, tudo se acaba. O pessoal naquele tempo era meio jeca! *[Risos]* Mas era tempo bom, a gente não queria saber, era o estilo da vida das pessoas. Dona Chiquinha, isso mesmo, querido. Aqui é a casa dela, armazém, aqui era a vendinha. Era um rancho que tinha aqui na praia, isso mesmo... Nossa igreja... Às vezes não gosto nem de lembrar.

DANIEL - Tinha muita baleeira?

IVONIRA - Tinha bastante, esse marido da dona Chiquinha, era o dindinho Norberto, eles tinham muito, eram gente que tinha. E na outra parte de lá também, onde digo que essa moça vendeu a casa pra minha mãe, eles tinham bastante baleeira no mar, tinha um senhor aqui que fazia e ele trabalhou no estaleiro naval lá em Coqueiros.

[Comenta a foto de tio Adão]

IVONIRA - Tio Adão, morava ali em cima... Compraram terreno ali. *[Dirige-se à filha]* Vem cá, quero mostrar uma coisa pra ti. Vocês não sabem, eu também não sei mais, agora que ela falou me lembrei: esse que era o falecido tio Adão, a vó Julieta trabalhava com ele.

CLEUSA - Nossa, que foto bonita!

IVONIRA - Minha mãe trabalhou com ele.

CLEUSA - Essa aqui atrás, quem era?

IVONIRA - Não sei quem é...

CLEUSA - Era uma vó!

IVONIRA - Não era a vó Julieta não.

TATI - Sua mãe trabalhou com ele como?

IVONIRA - Trabalhou com ele que minha mãe benzia. Minha mãe veio com dote de benzer as pessoas. Ela benzia de tudo: benzia de quebranto, a pessoa às vezes estava com mal estar. Se você levava um corte ela benzia de sangue, dali a pouco estancava. Se você estivesse com dor de dente forte, ela benzia, daqui a pouco você não tinha nada. Se você dava um mal jeito no pé, ela benzia... Mas era essa casa muito antiga, ela ia, era uma subida. Trouxe dote. Agora já não existe mais gente antiga que benze. Era uma coisa muito

natural, sabe? Uma coisa muito natural mesmo. Tinha que subir um morrinho pra ir na casa dele. Ela trouxe a foto, me lembrei.

CLEUSA – Ele parece vô mesmo!

IVONIRA – Ele curou muita gente, se eu falar pra ti ele curou muita gente. Principalmente a minha mãe.

CLEUSA – Eram médiuns, na verdade, que trouxeram isso da descendência.

IVONIRA – Da descendência deles.

CLEUSA – Qualquer lugar que tu vá buscar, das pessoas que ela passou nas casas, das crianças que ela curou, das crianças que ela atendeu, muita gente vai falar que foi curado.

IVONIRA – Muita gente. Hoje já faz bastante tempo que ela faleceu, mas tem gente que fala do nome dela como se ela estivesse aqui ainda e tivesse que partir agora, por esse tempo, por esse momento, por esses meses. Tanta coisa que ela fez.

CLEUSA – A lembrança é muito verdadeira, é muito presente.

IVONIRA – Que Deus a tenha lá, quando viveu aqui ela só fez caridade, ele também.

CLEUSA – Cuidavam um do outro, na verdade, ele cuidava mais dela por ser mais experiente.

IVONIRA – E gente de fora, muita gente de fora ia na casa dele. Ele atendia muita gente da cidade, muita gente que vinha de fora. Gente que vinha do outro lado que ele nem conhecia. Mas ele já sabia mais ou menos o que vinham fazer na casa dele. É difícil de acreditar, mas é isso aí. Histórias lindas, coisas muito antigas, mas histórias muito lindas. Às vezes não gosto nem de conversar, as pessoas parecem que desacreditam do que a gente fala, pensam que o que a gente está falando não é verdadeiro, mas é. Já passou, mas aconteceu. É, meu filho, é andando que a gente aprende.

DANIEL-Sua mãe benzia do quê?

IVONIRA – De tudo. Se você estava meio ruim, com mal estar: “- Dona Julieta...” Muita gente fez isso: “- Dá pra passar uma benzedura aqui?” Lá na Armação, Pântano do Sul, tem uma senhora que é irmã do dono do restaurante, o Arantes, ela ainda benze muita gente. Pronto, você vinha ela já fazia o que tinha que fazer, pegava aquele crucifixo, daqui a pouco já saiu tudo. Aquele dote ela trouxe com ela. Nenhum filho, nós não pegamos. Às vezes vem muita gente me procurar e pensa que sei bastante coisa, mas a gente aprende, como vou dizer pra ti, não passando em caneta, em lápis, nada, a gente aprende escutando. Você escuta, você aprende. Muitas coisas, às vezes entendo alguma coisa mínima, mas é escutando, viu? Não que ela passasse pra mim. Vem gente me procurar como se fosse ela justamente, mas não fiquei com nada dela, porque a proteção dela era mais forte, eu já era mais moça, então é assim. Mas de tudo: ela benzia as crianças que não queriam comer. As mães, quando ela passava na rua: “- Comadre, dá uma chegada.” “- Estou indo mais adiante.” “- Não, mas quero que a comadre dá uma chegada aqui porque botei a mesa agora pras minhas crianças, ninguém quer tocar na comida, ninguém come, não é porque não gostam, mas eles não têm vontade de comer.” O que ela fazia? Ela

sempre andou preparada, com aquele crucifixo. Ela benzia as crianças: “- Bota eles tudo na mesa que vou agora fazer meu trabalho.” Fazia o trabalho dela e ia embora pra onde ia fazer as coisas dela. Na volta, quando ela passava, chamavam: “- Comadre, dá uma chegadinho aqui.” “- O que houve?” “ - Vou dizer uma coisa pra comadre, eles comeram toda a comida. Ninguém deixou comida no prato.” “- Que bom!” Ela dizia! Ela ficava feliz com aquilo. “- Que bom, já que a comadre me pediu pra fazer isso eu fiz.” Uma caridade. Porque criança ter pra comer e na hora não querer comer porque não tem vontade ou é alguma coisa. Às vezes pode ser até uma preguiça de querer comer, de passar a mão na colher, mastigar, aquela coisa toda. Ela fazia o trabalho dela pra dar força. E as mães, como eles tinham bastante, as mães ficavam aborrecidas, desanimadas, porque os filhos tinham bastante pra comer e não comiam a comidinha deles. Outra hora era pra dormir, ela ensinava todo o remédio que tinha de fazer. Até hoje falam na minha mãe como se estivesse aqui. Sem mentira nenhuma. Porque foi uma pessoa que conviveu oitenta e poucos anos dentro de uma comunidade mas não prejudicando ninguém. Fazendo o impossível do impossível. Fico muito feliz por isso, que até hoje ela não está entre nós mas só vejo um falar bem, outro falar bem... Então pra gente que é filha é um incentivo. A gente parece que hoje fica à altura. Não estão falando mal da minha mãe nem por A nem por B. Só estão elogiando o que ela fez aqui na terra enquanto ela viveu.

CLEUSA - Ela realmente exerceu o que veio fazer aqui.

IVONIRA – Está bom, meu filho? A palestra está boa? *[Sorri]*

DANIEL – Lindo! Só queria saber das procissões também... *[Mostra foto]*

IVONIRA - Nossa Senhora da Lapa.

CLEUSA - As procissões era a cultura mesmo da religião que é predominante aqui, que é a religião católica.

IVONIRA – É, cultura açoriana.

CLEUSA - A cultura açoriana, que se fala, veio dos Açores, veio de Portugal, Nossa Senhora da Lapa veio de lá, então as procissões acabavam sendo a manifestação.

IVONIRA - Agora tiveram a ousadia de fazer o que fizeram com nossa igreja, que eu sinto muito, chorei muito. Teve gente ali dentro que se sentiu mal. A gente praticamente viveu a vida toda com ela, desde que a gente se conheceu por gente, toda vida, a procissão. *[Comenta sobre o roubo da imagem de Nossa Senhora da Lapa, ocorrido naquele ano]*

DANIEL - A senhora frequentava as procissões?

IVONIRA – Frequentava. Sempre, a gente sempre foi católica, minha casa está aí cheia de imagem.

DANIEL - E após as procissões?

IVONIRA - Tinha a missa, a missa festiva, a gente primeiro ia à missa. Hoje digo: meu Deus, já está acabando tudo. Mas não morreu tudo, ainda tem muita gente aqui. Estou com sessenta e poucos anos. Mas estou aqui, tem outras com sessenta e poucos. Eles estão querendo terminar com a procissão. A procissão ia até passando do colégio porque tem

gente que não vê a procissão, porque não pode andar, não pode acompanhar. Então levem a procissão mais adiante, porque quem não pode assistir, vê da sua casa, da sua janela, da sua porta, do seu varandão. Eu trabalhei dez anos numa casa, hoje a minha patroa não vê mais a festa. Ela não pode andar, é muito gorda e ela cai sempre, tem problema agora de coração. Então leva a procissão, que esteja uma comitiva, que esteja um guarda pra tomar conta da procissão. Porque a procissão em Florianópolis não acabou, continua. Olha a Procissão de Passos, é sábado e domingo, sábado à noite é luminosa e é a coisa mais linda, descendo da ladeira do hospital. Domingo a mesma coisa. Procissão de Corpus Christi nós enfeitávamos essa rua todinha, a gente tinha a ousadia de juntar baldes e baldes de conchinha e papel de cigarro dourado, enfeitava tudo, era a coisa mais linda essa rua toda. A comunidade trabalhava muito pra fazer coisa bonita. Hoje já não existe mais isso. Está aí *[Observa a foto]* É verdade ou não é? A gente fazia tudo, tapete, cada um dava uma ideia. Está aqui, a procissão nossa era assim na rua, como em Florianópolis, a mesma coisa. Todo mundo trabalhava. Era buscar areia... Areia fina que era do mar grosso, traziam no ônibus os sacos, botavam tudo aí pra nós enfeitarmos, cada um fazia seu enfeite, cipreste, aquela plantinha, a gente apanhava aquilo tudo ali pra enfeitar. Mas acabou. Acho que agora está vindo gerações novas. Estão dando outras ideias. Aí o que é de tradição, como vou falar pra vocês dois, vai morrendo, vai caindo. Vocês ainda estão vendo isso aqui porque é tudo fotografado. Pra mostrar como era antigamente. Eu acho que a tradição não pode morrer. Quem morre, parte daqui, não tem mais como conversar, dizer o que era. Ainda bem que tiram as fotos direitinho, mas era assim mesmo como antigamente. Ia longe, essa procissão ia até passando do colégio. Agora eles acham que não é. Agora sabe o que as pessoas querem? Tudo coisa moderna. As coisas históricas, as coisas antigas, como antigamente, pra eles agora não existe mais. Bom que tem as fotos. Nossa igreja por dentro era a coisa mais linda. Hoje entra um presidente, muda, entra outro presidente, muda, nosso forro era a coisa mais linda, era todo desenhado, que nem na Catedral, as imagens todas, hoje não temos mais. Eles vieram fazer as coisas da igreja [restauração]. Mas não apareceu nada porque começam a botar tinta em cima daquilo. Foto não tira mais, naquele tempo tirava foto no centro, com seu Amantino, era foto preto e branco mesmo. Mas tiraram tudo, a pintura que tinha antigamente. Como alguém que entra na nossa igreja hoje pra tirar uma foto vai saber como era o forro antigamente? Não sabe mais, eu sei mas quem entra agora não sabe mais. E se a gente vai contar: Ah, não era assim, mulher, como era? Era porque eu sei. Nasci e me criei aqui, como não vou saber. O que estou falando, vocês estão me entrevistando, é tudo verdadeiro. Só que agora eu tenho poucas lembranças, alguma coisa que eu conheci, digo: é verdade mesmo. Porque a gente vai chegando uma certa idade e as coisas vai fugindo um pouco. Não estou com oitenta anos ainda mas é muita coisa, a gente às vezes passa por certas coisas, se incomoda e aquilo vai afastando da gente.

DANIEL - E depois da procissão tinha baile?

IVONIRA – Tinha, não tinha clube, fazia baile nas casas, na nossa casa fazíamos. Aquela porta que está ali não tinha, meu pai botava uma mesa ali, fazia o baile. Arrumava uma orquestra e chamava o pessoal todo da festa pra vir dançar na nossa casa. Uma vez roubaram uma cadeira de preguiça que eu tinha, meu pai trouxe da base, era pra brincar, sentar e ficar. Daí o pessoal da cidade veio, a pretarada, a negrada tudo veio, meu pai botou baile dentro de casa. Minha mãe: “- Procópio, não faz isso, ninguém conhece.” “- Deixa, eles querem aproveitar até a hora que acabar a festa.” A procissão acabava cinco horas da tarde, não tinha nada pra fazer, aí faziam o baile. O baile era feito nas casas, não

tinha clube. Clube aqui era só de branco, ali faziam o carnaval, todo mundo fazia fantasia e dançavam. Sabe? Era tudo assim. Meu pai era o maior churrasqueiro da festa. Pra fazer churrasco era meu pai mesmo. Meu pai dava um jeito, fazia um buraco lá em cima, era mato, tirava aqueles bambus, fazia aqueles espetos. Não assava carne em espeto de ferro. Aqui em casa, principalmente, meu pai fazia isso. Raspava, limpava aquilo tudo, pegava um vidro cortado, uma faquinha, fazia as pontas todas pra quando chega no dia da Festa da Lapa e do Rosário fazer churrasco. O pessoal da cidade queria vir, comer, bastante pão de trigo, salada, o pai fazia, bastante carvão, o pessoal comia aquela comida quentinha ali, era uma maravilha. Era uma festa! Meu pai tomava uma cachaça mas não tinha problema não, ele dava conta do recado. Ele sempre foi cozinheiro, depois, na base, começou a cozinhar lá. De tudo ele fez um pouco, até hoje o contracheque é: serviços diversos. Porque de tudo ele fazia um pouco. Depois a doença dele foi lá, deu AVC, ele foi pegar uma barreira da altura da casa, ele bem baixinho, quando a barreira veio caiu em cima dele, jogou ele longe. Ali ele ficou morto. Só que naquela época era assim: o comandante fazia aquela lista de empregados, os funcionários. Aí chegou na hora de todo mundo ir pra refeição do almoço, estava faltando um funcionário. Eles tinham a relação toda deles ali. “- Está faltando um, o Procópio, onde ele estava trabalhando?” “- Na barreira da Base.” “- Então vamos voltar todo mundo com as ferramentas, cuidado com as ferramentas...” As ferramentas eram era muito amoladas. Então ficou o capataz que tomava conta deles: “- Vamos tirar devagarinho pra não cortar ele.” Como ele caiu ele ficou, saiu dali morto. Primeiro apareceu a cabeça, o cabelo... “- É aqui que ele está, vamos tirar.” Foi tirando tudo. Pegaram ele, botaram na padiola, sabes o que é a padiola? É uma tábua que se bota a pessoa. Aí os outros empregados, colegas, amigos de trabalho, levaram na enfermaria. Na enfermaria ele tomou banho, escovaram ele todo, deram óleo pra ele tomar, pra botar tudo pra fora, aquele barro. Foi assim, uma vida de sacrifício pra criar a gente. Depois o caminhão grandão da base passou com todos os funcionários, ele quebrou o braço no caminhão. Era aqueles grandes de dez rodas. Toda a doença dele foi tudo ali dentro, não foi nada fora. Mas ele chegou a se aposentar, graças a Deus. Quando ele ficou doente, que não pôde mais voltar pro serviço, a Aeronáutica ajudou um pouco a gente, como agora eles fazem, vinham trazer cesta básica. Porque ele esperou ainda dez anos pra voltar, mas ele não conseguia voltar porque ele arrastava de uma perna e um braço. Quando ele queria ir até a praia, chamava a gente, eu levava ele na praia, pra ficar sentadinho, ver as pessoas passar... Quando ele queria vir pra dentro ele gritava de lá, eu ia buscar, botava ele pra dentro de casa, era assim. Mas foi tudo muito bom. Ele trabalhou, nunca deixou faltar nada pra nós. O pouco que tinha a gente se servia. A gente comia o que tinha, não exigia nada, a gente sabia que os pais da gente eram pobres, não podiam dar mais do que aquilo. Aí meu irmão mais velho, quando tinha quinze anos, ele também levou pra lá junto com ele. Vê como era a preocupação dos pais. Não ficar aqui fazendo bagunça, não ficar fazendo arte, não pegar uma pedra, uma bola pra jogar na vidraça do vizinho. Ele não tinha idade pra servir ainda - meu irmão mais velho-, com quinze anos foi pra lá trabalhar. Meu pai tinha lugar na oficina pra ele ficar sentadinho, lavar aquelas porcas todas, engraxar aquilo tudo, aqueles parafusos, ele limpava tudo. Foi indo, foi indo... Quando ele teve a idade de se alistar, ele se alistou e lá mesmo ficou. Todos, os dois, meus irmãos, serviram lá dentro por causa do meu pai, quiseram que os filhos ficassem aonde ele trabalhava. Só que o mais velho serviu um ano só e o mais moço serviu três anos. Foi tudo assim a nossa vida. Se eu contar da minha história, como estou contando pra vocês, não é mentira, é verdade. Se conversar com mais pessoas, pegando da minha idade, menos idade um pouquinho, ou mais um pouco da minha idade, vão contar o mesmo que

estou conversando com vocês. Foi uma vida batalhadora, uma vida de sacrifício, mas a gente foi feliz porque tudo pra gente era bom, a gente não achava nada ruim. Não! Tanto fazia, ter pão, como ter biscoito, como ter bolacha, café com farinha, batata, como ter aipim. Pra nós tudo era bom. Era até divertido. Uma família de casa de pobre não estar brigando um com outro porque não tem o que comer, não tem nada disso. Não. Tudo pra nós era bom. Não era só a minha casa, as outras casas também era tudo igual. Aqui bem pouca gente era remediada. Dona Chiquinha, sim, era uma mulher remediada, uma mulher que tinha fábrica de café, ela tinha armazém, tinha muita baleeira pescando camarão pra fora. A gente ganhava muita coisa delas, falavam com a gente: “- Quer ganhar pra escamar tanto de peixe?” A gente não cobrava, nada. “- Então leva esse almoço...” “- Leva essa janta...” Era tudo assim, a gente não exigia nada. Mesmo a gente tendo pouco, não exigia nada. Então, que vou dizer mais?

DANIEL – Falaram pra gente que tinha o clube dos brancos e o clube dos pretos?

IVONIRA - Dos pretos, tinha, muito bem. Pois é, o clube do brancos é esse que era lá na praça, faziam carnaval, faziam tudo. E tinha o nosso clube Treze de Outubro que era dos negros daqui, foi um parente nosso que fez aqui. Pra não dar confusão, quando tinha baile a gente ia ali dançar. Eles dançavam no deles e nós dançávamos aqui no nosso. Mas nem por isso a gente brigava com ninguém. Não. A gente se dava com todos. A comunidade se dava bem, preto com branco, branco com preto, era tudo assim, sabe? Mas que tinha, tinha! Dava um jeito com cavaquinho, outro com uma gaita e está acabado. Luz de lampião, botava-se o lampião na parede, era tudo assim. A gaita era da cidade que vinha, do Centro. Eles vinham, gostavam de festa aqui, sempre gostaram. Eram do Centro, mas gostavam de vir em festa aqui da Lapa. Depois começaram a não fazer mais procissão. O pessoal da cidade gosta de procissão à tarde, estão acostumados no Centro: terminou a missa, depois vão almoçar. Aqui agora tem salão de festa, o pessoal faz a comida, aí almoçam e de tarde era a procissão. Agora no lugar da procissão fazem bingo, acabou a procissão. Tinha Festa do Rosário, é uma santa linda! Festa da Nossa Senhora do Rosário é linda, está com aquele rosário igual a Nossa Senhora tem na Catedral. Vocês podem ir ver Nossa Senhora do Rosário lá. Mas não fizeram a procissão. Esse mês de outubro foi mês dela, não fizeram nada. Não fizeram uma procissão, só lembraram que era dia dela na missa. Por que não botaram na rua? Por que não fizeram, o povo? É até bom botar uma imagem na rua, como eles fazem no Centro da cidade. Não dá pra carregar porque é muito pesado? O pessoal não tem mais força pra carregar um andor pesado nas costas? Faz um carrinho, tu vê lá no Centro de Florianópolis. É o prefeito carregando a santa, é o governador, carregam a imagem do Senhor dos Passos nas costas e é pesado. Senhor dos Passos tem um carrinho dele pra andar pelas ruas todas do centro da cidade. É um santo muito pesado, mas continuam a tradição ainda. Descer aquela ladeira à noite, lá do hospital, não é fácil porque ali é uma ladeira escorregadia, mas é o carrinho, vem vindo devagarzinho, só aquela cruz do Senhor dos Passos é uma cruz pesada. É uma madeira que só Deus sabe, mas o pessoal continua a tradição deles. E o Ribeirão da Ilha também tem muita coisa de tradição só que estão querendo agora modernizar, digo que estão querendo fazer tudo moderno, ninguém quer mais nada antigo. “- Ah, porque isso é coisa de antigo.” Eu não gosto que diz isso. Fui criada no tempo antigo, não gosto que diga: “- Isso aí é do tempo do antigo.” Por quê tempo do antigo? Tempo do antigo era bom, todo mundo sabia fazer as coisas: todo mundo fazia balaio, sabia fazer, todo mundo fazia rede, tarrafa, tudo manual. Fazia tudo à mão, ninguém comprava nada. Fui passear uma vez na Laguna, Tubarão, a gente passa por lá e vê vendendo aquelas tarrafas, aquelas redes, aquilo tudo de pesca.

Vocês sabem, estiveram no Pântano do Sul, vocês viram quanta baleeira tem, quanta lancha tem, quantos pescadores ainda tem e é tudo ali católico. Tu vê, quando está na época da tainha, o que fazem? Eles fazem uma missa. Chega na época da tainha fazem uma missa no rancho, pra que Nossa Senhora traga bastante de peixe, que a rede venha bastante de peixe pra todo mundo, pra vender, ter o dinheirinho deles, repartir, às vezes, com os vizinhos. Porque Deus, quando deu, ele não deu pra um só, ele deu pra todos os filhos deles. Agora é muita ganância, muita briga por pouca coisa, muito disse que me disse, como é que fica? Não gostam que fale das coisas antigas, eu falo pra todo mundo. Minha mãe - acho que agora não tem mais-, mas estava em todos os jornais, chegava uma pessoa pra fazer uma pesquisa com ela, pra tirar uma foto dela, era pra já, estava sempre pronta.

[Corte]

IVONIRA – Eu, graças a Deus não tenho nada, tenho a graça do Pai Divino, mas pra mim está bom demais. Eu me comunico com as pessoas, as pessoas têm que se comunicar, se não se comunicar... O que a minha mãe aprendeu, ela se comunicava com as pessoas, ia na casa das comadres dela, as conhecidas, vizinhas, conversava... Tem que ser.

TATI - Isso que a senhora falou das serenatas, tinha também Terno de Reis por aqui?

IVONIRA – Tinha: Terno de Reis. Nem me lembrei porque eu tinha uma foto da minha mãe cantando Terno de Reis. Agora, no momento, não sei onde coloquei. Ela cantando à noite, era também foto preto e branco. Eu nem me lembrei que vocês iam perguntar isso. Acho que está até num bauzinho que tenho ali. *[Fala com a filha, pedindo pelo baú]* Eu cantava Terno com ela por aí pra rua. Ela não sabia ler, não sabia nada, mas ela fazia as músicas dela. No final saía tudo certo...

[Corte]

DANIEL - Como era a festa junina, Festa de São João?

IVONIRA – Festa de São João era uma festa boa, festa junina sempre foi uma festa boa. Todo mundo tocava, todo mundo brincava, faziam ratoeira, faziam tudo. Faziam vestido pra dançar. Hoje ainda tenho um vestido, mas mandei comprar pra nossa festinha de idosos. No nosso grupo a gente faz ali no salão mesmo, faz a dança e é ali a festa, mas não tiram fotos pra ficar nada de lembrança. Tem que ter uma pessoa pra tirar foto, aí a gente pode mostrar pras pessoas, mas se não tira foto a festa acaba por ali mesmo. Com minha mãe faziam muita festa junina aqui. A gente fazia na praia: fazia fogueira, assava a batata, assava o aipim, comprava melado, comia batata, aipim, tudo ali naquele prato. Era bem gostoso! A festa junina aqui sempre foi uma festa boa. Mas agora, não digo pra você que vai acabando tudo? Não tem mais nada.

DANIEL - E como era ratoeira?

IVONIRA - Ratoeira era uma turma. Davam a mão, cada uma cantava seu verso, uma saía, ia pra roda, tirava o verso, depois a outra. Uma ia pro lugar, a outra voltava, mas sempre assim. Teve pau de fita, no colégio, essa minha filha alcançou tudo, fez festa junina no colégio, dançava num pau de fita, não é Cleusa?

CLEUSA – Sim. Não era uma festa tradicional de Florianópolis a festa junina, mas era uma festa feita aqui. Era muito boa na minha época - que é diferente da época da minha mãe-, já era uma festa muito legal, a gente dançava mesmo, procurava dançar a quadrilha e tudo mais. Mas é uma festa que realmente não é tradicional daqui, mas acabou aprendendo também.

DANIEL - Algum verso de ratoeira a senhora se lembra?

IVONIRA - Minha mãe cantava muita ratoeira, mas eu não sei nada de verso, não sei se tenho um ali que é de ratoeira. *[Pede para a filha pegar uma pasta de músicas do coral]* Versos eu tenho assim: antigo. Tudo que era de antigamente, os versos que se cantava antigamente eu tenho alguns. Esse aqui é de ratoeira, eu tenho. Vocês querem que cante?

DANIEL - Por favor.

IVONIRA – *[Canta]*

Ratoeira bem cantada, faz chorar, faz padecer.

Também faz um triste amante, do seu amor esquecer.

Meu galho de malva, meu manjericão,

dá três pancadinhas no meu coração.

Eu plantei um pé de milho, debaixo de um canecão.

Nasceu um pinto pelado, tocador de violão.

A folha da cana a geada matou,

lembranças pro noivo, que a noiva mandou.

Choveu no enxuto, choveu no molhado,

choveu na cabeça do noivo casado.

Esse aqui é da ratoeira, guardei tudo isso! Tem muito verso, era de antigamente.

[Corte]

IVONIRA - Então tá, meu querido, o que pude fazer pra vocês eu fiz!

DANIEL - MUITÍSSIMO obrigado de receber a gente!

IVONIRA - De nada!

TATI – Uma última pergunta: o que é memória pra senhora?

IVONIRA - Memória é a gente se lembrar das coisas. Porque se tu tens uma memória boa, tu lembrás das coisas. Se tu tens uma memória, como vou dizer, mais ou menos, tu lembra uma coisa e tu não lembra. Acho que com o tempo, com a idade a gente, às vezes, se incomoda um pouco, perde um pouco a noção. A memória vai fugindo um pouco as coisas. Muito bom ter memória, porque a memória é bom pra tudo. Se tu tens memória boa tu

sabes fazer uma comida, sabe o que tu vai colocar numa comida, um tempero pra comida ficar boa. Então a memória é bom por causa disso. A memória é lembrar as coisas boas da vida. Não esquecer. Tenho que saber temperar uma carne, tenho que saber fazer um peixe. Eu, justamente, como fui criada, a comida nossa era mais com peixe, carne era mais com festa. Tens que saber o tempero da comida. Queres fazer uma galinha caipira, tens que saber. Queres fazer uma galinha ao molho madeira, tu tens que saber o que vai de ingrediente pra sair uma galinha ao molho madeira. Uma carne assada de panela, tens que saber o teu cozido, cada hora que botar na mesa. A memória é uma coisa muito boa. A gente perde com o tempo, é uma coisa que a gente não devia perder fácil, mas a gente perde. O tempo vai passando, a gente não vai se lembrando, às vezes, das coisas... O que falei pra vocês aqui é porque minha memória, graças a Deus, ainda está boa. Só não diferencio muito as fotos porque nossa comunidade tinha muita gente, eram muitos moradores. Então a gente criou-se de pequeninha na luta, na lida... A vida da gente, desde pequena, foi uma luta, foi lutando e foi crescendo, foi aumentando. Foi aumentando tudo: aumentando o trabalho, a luta da casa, a luta da vida, dos pais, como criaram a gente. Tinha que fazer por causa da obediência, a gente era obediente: "- Minha filha, faz isso." "- Tá mãe." "- Minha filha, faz aquilo." "- Tá pai." O que a gente pôde aprender com eles foi isso aí: a educação, de pai e mãe pra filhos. Por isso que estou falando pra vocês: podia ter muito, podia não ter. Não interessava ter muito, não interessava ter pouco, a gente fazia. Eu trabalhei muito fora. Trabalhei na casa de dona de padaria, trabalhei na casa de dona de material de construção, trabalhei na casa de médico. Serviço braçal. Por quê? Porque eu não tinha estudo pra pegar um serviço, vamos dizer, não tinha faculdade. Era o terceiro ano primário, eu saí faltava um ano pra tirar a quarta série. Todo mundo naquele tempo estudava só até quarta série, ia estudar como? A minha irmã mais velha ainda estudou no Lauro Muller, no Centro, só ela que meu pai pode dar o estudo. Os outros quatro ficaram de fora, éramos cinco irmãos. Mas o que aprendi serviu pra mim hoje, está servindo para eu agradecer aquela pessoa que já partiu e mandava nós irmos pra escola. Com pão ou sem pão, com uniforme ou sem uniforme, com calçado ou sem calçado. O que falei pra você? Muitos dias eu não tinha o caderno pra levar. Mas a minha diretora dizia: "- Vai pra escola estudar. Faz tudo numa folha de papel." Eu fazia. Se eu faltasse dois, três dias de aula, como ia aprender o que os outros estavam aprendendo? Iam dizer: "- Ivonira, tu não fizeste isso?" "- Eu não fiz porque não tinha caderno." "- Mas tu não arrumaste nem com a tua diretora?" Porque ela trazia do governo as coisas pra repartir com as crianças que, às vezes, não tinham. Se tinha a gente levava, quando não tinha não... Meu tamanco naquele tempo era de madeira, aí o tamanco quebrava, arreventava a tira do tamanco, eu dizia: "- Mãe, não tenho tamanco, não tenho calçado." Agora só quando o pai receber o dinheiro pra comprar o calçadinho pra minha filha. Tá? Eu não queria saber se eu era menina moça, se deixava de ser, eu queria estudar.

[Corte]

IVONIRA - Meu filho do céu, só uma coisa eu falei pra ela: não é porque eu queria que ela fosse igual a mim, mas educação é bonito. "- Não quero que a professora mande um bilhete de você pra mim, de arte que você faz na escola. Dentro de casa sou eu que converso com você, na escola é o professor. Porque se você não der atenção pro professor, não escutar o que o professor está falando com você pra trazer pra casa..." Chega em casa, vou perguntar: "- Cleusa, cadê seus deveres?" "- Acho que a professora não passou." Mas não passou como? Eu trazia deveres, passava deveres no quadro, eu tinha que fazer direitinho, trazer pra casa. Meu pai não me ensinou porque não sabia ler.

Minha mãe não me ensinou porque não sabia ler. Eu puxava pela minha cabeça. A tabuada, hoje ninguém sabe fazer mais conta, não sabem fazer tabuada. Tabuada era cantada, nós até cantávamos pra gravar os números, pra fazer a conta. Hoje ninguém sabe mais fazer conta. Essa escola dela agora eu não sei nada, claro, também a escola hoje mudou, é outra coisa. O estudo delas agora pede outra coisa diferente, então não posso ensinar pra ela. “- Te vira na escola.” Dizia pra ela: “- Vai aprender.” Até dicionário, um conjunto, comprei pra ela, pagava o moço na porta todo mês. Pra ela aprender, o que ela não entendia, não sabia, ia ver ali. Tudo dinheiro. A gente gasta dinheiro com os filhos mas para os filhos aprenderem. Porque as professoras, às vezes, deixam de arrumar a casa delas de manhã, mal elas tomam banho, se arrumam, já de noite elas corrigem tudo. Sei que é, minha cunhada era professora, corrige todos os trabalhos dos alunos pra entregar no outro dia. Só faz um café, mal toma um café rápido, deixa a roupa por lavar, deixa a casa por arrumar, só final de semana ela vai dar uma ajeitada na casa dela. Pra ensinar os filhos dos outros, não é nem filhos dela. E os filhos dos outros não vão querer nada? Não! Dizia: “- Se tu me traz bilhete dentro de casa...” Ela tem um cabelo bem grande, vocês estão vendo aí. “- Se tu me traz bilhete eu passo a mão nos teus cabelos e dou-te um puxão no cabelo.” Pra fazer tudo direitinho como a professora manda, porque tem que aprender. Até era bom pra ela, porque o que ela soubesse ensinava até pra gente: aprendi assim... Ela fez a faculdade mas parou porque a faculdade era paga, daí ela não pôde dar continuidade, breçou. Ela estudou na Unisul, menina pobre, eu não tenho muito, mas o pouquinho que tive ela já deu um adiantamento a mais nas coisas dela. Quanto mais ela aprender... O ser viço dela, ela trabalha em escritório, computador, internet, não sei nada disso, nem mexo no celular dela... Não sei se algum namorado fala com ela, eu não quero mexer nada dela pra não descontrolar tudo. Naquele tempo não... Tinha namorado: era carta. A gente escrevia uma carta, botava num envelope, botava o endereço direitinho pra chegar até a mão dele. Se ele soubesse ler também fazia igual e mandava pra gente. Mas não tinha nada. Hoje digo pra ela que o namorado dela é o celular. Dia e noite... Ela dorme com aquele celular, toma café com aquele celular, ela levanta com aquele celular, namorado dela 24 horas. É verdade! O negócio agora está bom pra elas, a atividade delas é melhor. Elas agora não podem esquecer nunca, acho que quando chegar a idade, porque a cabeça delas 24 horas gira nas coisas que fizeram, aprenderam...

CLEUSA – Mostra o trabalho da senhora pra eles, a renda... Ela vende muito o produto. Essa aqui está a caminho...

IVONIRA – Trabalhos manuais elas não querem aprender. Essa minha não quer aprender: “- Não vou fazer, muito trabalho, a senhora passa esses pauzinho pra lá e pra cá.” É, pauzinho pra lá e pra cá, mas dá dinheiro! Vou pegar o verso da ratoeira, qualquer dia quando vocês vierem, vou cantar ratoeira fazendo renda. Só um pouquinho vou fazer pra vocês verem...

TATI - Essa que a senhora está fazendo é qual peça?

IVONIRA - É um oval, estou fazendo, quando termina é desse tamanho assim. Já fiz bastante, está na casa da minha prima, ela veio buscar. Não sabia que vocês vinham aqui, senão eu teria mais...

TATI - Essa leva quanto tempo pra fazer a peça?

IVONIRA - Depende, se eu estiver bastante tempo em casa eu adianto. Agora, se estiver na rua não faço muito, aí só faço à noite... O bilro dá um estalinho! Renda da Tramoia essa, você conhece? Essa é Tramoia... Vocês são pessoas queridas!

TATI - A senhora também!

IVONIRA - Minha filha não é muito disso... Não puxou a mim nada. Eu gosto de conversar, sou conversadeira, rádio gosto mais de ligar, danço sozinha dentro de casa, tem que ser! Agrado todo mundo. As pessoas, às vezes, não tem culpa dos problemas que a gente está passando, a gente não vai ficar aborrecida com os outros. Sou muito diferente, mas minha família é toda assim. Fazer o quê?

[Fim da entrevista]